

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**

ALIMENTAÇÃO: REPRESENTAÇÃO DA COMUNHÃO COM O DIVINO
Orientadora: Prof. Dr. Elizete da Silva

**MAÍRA NEGRÃO LUNA
SARA DA SILVA TUPINAMBÁSⁱ**

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de problematizar as relações de poder, as tradições e representações que envolvem as práticas alimentares e o jejum nas instituições religiosas. Para tanto utilizou-se entrevistas orais, com membros e líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia e Igreja Batista Missionária, ambas localizadas no bairro Feira VI em Feira de Santana/ Ba, suas revistas e a Bíblia Sagrada.

O bairro Feira VI surge , segundo Nacelice Freitas, por volta dos anos 60 com o crescimento da cidade de Feira de Santana. A expansão da zona norte está relacionada a instalação do Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana e da construção do primeiro conjunto habitacional em 1968 da URBIS. A partir de então, vários outros conjuntos habitacionais foram construídos para atender as necessidades da população de baixa renda.

De tal modo, o processo de urbanização da cidade interliga-se ao desenvolvimento do comércio que se intensifica na região. A organização e a absorção desta parcela de indivíduos, suas tradições e crenças terá na sistematização e racionalização da religião um instrumento de disciplina, ou seja, “o conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de independência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de sistematização das crenças e práticas religiosas.”ⁱⁱ

A organização do campo religioso do bairro Feira VI, insere-se neste contexto, em que a urbanização contribui para a moralização das crença e práticas religiosasⁱⁱⁱ sendo portanto as instituições pesquisadas, reflexo da condição do trabalhador e da sua degradante vida material que busca na religião a satisfação e o alívio de anseios e frustrações.

Tratando-se da abordagem do campo religioso, será enfatizada a relação da alimentação como um mecanismo importante para a religião cristã, que pautada na Bíblia desenvolve um ritual de comunhão com o divino através da purificação do corpo e da alma, a partir da ingestão de alimentos saudáveis.

Neste sentido percebe-se que o ato de alimentar-se torna-se para o fiel uma constante aproximação com a vida correta, seguindo os ensinamentos de Deus. Isso demonstra que a alimentação no conjunto das relações sociais conduzidas pela hierarquia da instituição tem o caráter de socializar e estabelecer sistemas de valores e padrões de conduta^{iv} entre os membros.

O objetivo deste trabalho é perceber como a tradição alimentar representa tanto a aproximação com o espiritual, como uma estratégia de poder que determina a correção dos atos e a conduta dos crentes, e como estes se relacionam com as proibições de certos alimentos e a justificação de tal ato. Para tanto o caminho percorrido foi a catalogação e visita das Igrejas e congregações do Feira VI, a fim de perceber no discurso dos seus responsáveis, indícios que levassem até a utilização do ato de alimentar-se ou não (jejum) como forma de ligação com o espiritual e uma ponte quase que direta para a salvação da alma, à luz da teoria compreender a relação neste sentido, entre representação, tradição e poder.

Assim, não consumir bebidas, não comer carne em dias santos, são formas encontradas para relacionar o mundo material com o espiritual, sem que necessariamente um exclua o outro. Porém Jesus Cristo diz: “ Não compreendeis, que tudo que entra pela boca desce para o ventre e depois é lançado em um lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem.” (Mateus: 15. 17-18). Contudo o crente deve ter uma vida de correção moral em todos os aspectos, não esperando que apenas a alimentação o liberte e abra as portas do Reino dos Céus.

Alimentação: representação, tradição e poder.

“Por tradições inventadas entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente ocultas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam ocultar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.”^v Sendo assim, as observações feitas pelo pastor no púlpito ou nas reuniões dos grupos internos da Igreja são de extrema importância para o andamento da comunidade religiosa, cabendo a ele guiar as suas “ovelhas” para a salvação. Neste sentido as representações são importantes para compreender a maneira com a qual este determinado grupo vê o mundo, seus valores e ações.

Pode-se dizer então que a alimentação, ou a forma de se alimentar, apresentada e defendida dentro das Igrejas, principalmente as denominações protestantes é uma “tradição inventada” e respaldada nos ensinamentos bíblicos, para permitir uma maior comunhão com Deus. A Igreja estabelece algumas formas de conduta, mas deixa a cargo da consciência do crente o seu cumprimento. “ O crente é aquele que se abstém de pecados sexuais, de transgredir o domingo, do vício, do crime contra a propriedade (é honesto) e de pensar em desacordo com a Igreja.”^{vi} A moral é o meio de salvação para o protestante.

Então a conduta moral é determinada pelos códigos de disciplina. Nestes códigos se apresentam os “pecados”, já citados acima. Por isso, pode-se dizer que a moral do crente não está na sua consciência individual e si, na ética pré-determinada pela sua instituição. E toda ação individual é submetida a um tribunal, que tem a responsabilidade de julgar e determinar a pena do transgressor.

As práticas alimentares ou os rituais da ceia são também formas de se aproximar do sagrado, na medida que na Bíblia Sagrada (NI), temos a referencia da participação dos discípulos na ceia, em que o suco de uva é uma representação do sangue de Cristo e o pão como o corpo de Jesus Cristo oferecido em sacrifício pela salvação e libertação dos pecados humanos. Assim o homem mantém constante aproximação com o sagrado participando de rituais que o aproximem da figura divina.

Hobsbawm, defende que o objetivo central de uma tradição é sua invariabilidade. Porém este chama a atenção para a diferença entre tradição e rotina ou repetição, pois estas últimas não tem nenhum caráter simbólico. A rotina pode ser repetida diversas vezes, como um procedimento automático, porém não pode ser considerada uma tradição, porque é um ato mecânico e não

ideológico. No caso da alimentação, principalmente a dos adventistas do sétimo dia, pode-se considerar como uma tradição, pois o caráter ideológico de purificação do corpo e do espírito estão muito presentes.

A transmissão desta visão de mundo e de valores, é feita através de símbolos, signos, atos ou objetos. A vida do protestante é cercada por proibições e a consciência do protestante não é uma consciência de liberdade, mas de limites impostos por sua ética, pois o corpo é sempre o meio da ação divina e não o fim, por isso satisfazer aos impulsos do corpo é pecado. A questão então da alimentação por exemplo, não é a saúde do corpo somente e sim a busca da purificação da alma.

Deve-se chamar a atenção para que as tradições estão ligadas em sua maioria a fatos do passado, que podem ser distantes ou próximos. Toda tradição, segundo Hobsbawm tem a história como sua legitimadora. Para ele as tradições podem ser divididas em três grupos: as que constituem as condições de admissão em um grupo, as que estabelecem ou legitimam as instituições e aquelas com caráter de socialização, sistema de valores e padrões de comportamento. A alimentação pode ser colocada nesta última categoria, dando o exemplo da Santa Ceia realizada com o intuito de socializar os indivíduos envolvidos.

Os negros no Brasil, por sua vez, conseguiram manter as suas tradições ou costumes alimentares, com a introdução de pratos típicos africanos à mesa brasileira, a exemplo do vatapá e do acarajé. Com o resgate, ou o estabelecimento destes pratos, de origem em sua maioria jêjes e nagôs, conseguiram garantir a permanência de alguns ritos para seus orixás. Um exemplo de comida voltada para o ritual de alimentação do santo é o Ebó (milho branco cozido sem sal), este prato é oferecido a Oxalá e a outros santos da mesma linhagem.

Mas “toda” prática de alimentar o santo ou o corpo passa por uma simbologia e um ritual próprio e que se diferem de grupo para grupo. A representação segundo Chartier, pode ser entendida como a relação da imagem do objeto presente e a do objeto ausente, que será demonstrada através de símbolos e signos. Estes elementos moldam o discurso que conduz o leitor ou o ouvinte, agentes da ação, a uma reflexão do mundo posto diante de seus olhos.

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”^{vii}

Percebe-se então, tendo como base teórica Boudieu, uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, que se estabelece através dos sistemas simbólicos refletindo também a interferência da instituição nas práticas cotidianas dos indivíduos da sociedade, utilizando-se da sua representação do sagrado para exercer o seu poder.

Nestes casos o jejum tem motivos que podem ser de caráter religioso, para a purificação da alma, em prol da Igreja ou da sua casa. Assim os motivos podem ser individuais ou coletivos, existindo períodos longos de jejum, como a Quaresma^{viii}, e períodos mais curtos de algumas horas ou dias.

No entanto, percebe-se que a construção da “visão de mundo” é um processo que ocorre através dos choques entre a cultura do povo, segundo Marilena Chauí essa cultura seria o conjunto de significados que expressam comportamentos da cultura. A primeira tentando impor a sua ideologia, que segundo Chauí, é uma tentativa de unificar a realidade social e política e as representações acerca de ambas, tendo portanto um caráter autoritário a medida que omite as diferenças, impede a percepção da imposição. A segunda apesar de conviver com o autoritarismo da elite dominante da hierarquia religiosa, manifesta através de suas práticas uma reelaboração da ideologia autoritária. “ Os dominantes para unificar o pensamento social precisam esconder a manifestação da contradição através de um discurso e práticas coercitivas que garantam a todos os membros da sociedade o sentimento ou pressentimento.”^{ix}

Percebe-se no texto de Vivaldo da Costa Lima, que a imposição da Igreja em relação a alimentação na Quaresma e em outras festas religiosas contribuíram para que os africanos adaptassem a sua alimentação rompendo aos poucos com a resistência a sua cozinha. Deste modo, verifica-se que aos poucos a cultura africana foi incorporada a cultura dominante, na medida que

atualmente a permanência de alimentos típicos do ritual africano se popularizaram e são encontrados em outras celebrações.

A religião popular contrapõe-se à religião oficial a medida que o homem passa a humanizar o deus para senti-lo mais próximo, opondo-se a hierarquia e ao intermédio de um representante terrestre que ligue Deus aos homens. Ocorrendo uma reação da Igreja Tradicional que relaciona religião popular as heresias que contestam a ordem estabelecida. Tal que BAKHTIN diz a “ religião popular é antes um conjunto de atitudes e comportamentos, uma dinâmica em uma palavra, fundada na inversão dos valores e das hierarquias, na corrosão do riso e da loucura, opondo uma contra leitura espontânea constantemente desmistificando à religião à ordem oficial.”^x

Essa compreensão acerca dos sistemas religiosos ressaltando o envolvimento com as relações de poder vigentes na sociedade encaminha-se para a análise da função ideológica assumida pela religião em diferentes conjunturas. Marli Geralda, propõe uma reflexão sobre a ação ideológica da religião como alienação e como instrumento de atitudes mentais.

Chega assim, através do conceito marxista de alienação^{xi}, que a alienação religiosa é produzida a partir da economia (material), o descompasso da produção e do mundo criado pela mercadoria em relação a crescente degradação do trabalhador gera a necessidade do homem de criar uma nova realidade que transponha deste mundo real para um devir onde a desigualdade, as diferenças não existam.

Assim, a ilusão criada neste contexto, é fruto do mundo material submete o ser humano a intolerável opressão, incapaz de transformar as condições materiais de sua existência, “ o homem transfigura sua realidade, produzindo uma religião que consola e anestesia.”^{xii}

A religião como instrumento de dominação será tomada como base teórica proposta por Boudieu, que relaciona a religião como legitimadora do poder de uma determinada categoria social, ou seja, as atitudes religiosas legitimam a manutenção do poder de uma elite. Tendo em vista Boudieu afirma “ o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades vinculadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe diferenciam-se necessariamente de acordo com a posição que o grupo ou classe ocupa na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso.”^{xiii}

Observa-se a hierarquização do poder nas instituições religiosas a partir da divisão do trabalho religioso, assim o detentor do capital simbólico diferencia-se do leigo na medida que sobrepõe o seu discurso sobre este último, buscando fornecer explicação, justificação e sentido as relações sociais, “bem como constituir o sistema de práticas determinadas a reproduzi-la.”

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida neste texto não resultou no esgotamento das discussões discutidas, porém através destas surgiram outras análises e questionamentos com relação ao campo religioso. Tal que através do olhar lançado sobre as manifestações religiosas, percebe-se as particularidades de cada instituição religiosa e suas semelhanças.

Os pontos de discussão que coloca-se em relevância refere-se a relação do discurso religioso dos leigos e do pensamento político institucional sobre: a significativa aceitação das normas pelos membros da Igreja; a necessidade da instituição em criar uma consciência coletiva e padronizar o comportamento dos indivíduos; a alternativa dos indivíduos em participar de um grupo religioso.

Neste sentido, ao adentrar na mentalidade e no sentimento religioso dos fiéis, percebe-se que as normas foram identificadas, para os membros do grupo religioso, não como instrumento de

exercer poder, mas como um instrumento de prática do amor representado pelo representante religioso escolhido por Deus para promover o bem-estar dos fiéis.

Diferente da análise proposta por alguns teóricos em perceber a instituição como instrumento de dominação, questiona-se dominação e coerção para quem, se exclusão e dominação é vivida fortemente na sociedade como reflexo do desenvolvimento e da industrialização.

A instituição religiosa para os membros, passa portanto a ser um elemento alheio aos interesses terrenos, voltando-se apenas a objetivos que conduzam a promessa de salvação e de um mundo em perfeita harmonia.

Neste sentido, a restrição alimentar assume uma conotação de bem coletivo, afastando-se dos interesses da sociedade capitalista e individualista, criando na instituição religiosa um ambiente de cordialidade e amor, um princípio dos Reinos dos Céus, no qual a bondade e o amor ao próximo devem sobrepor-se a satisfação do ego.

Sobre a participação do indivíduo na instituição religiosa associa-se a uma escolha feita pela pessoa, diante das dificuldades cotidianas da sociedade. Assim, as ações dos líderes religiosos em modificar as práticas e atitudes dos membros não são mais do que o exercício do amor, ou seja, os membros não se sentem oprimidos, antes porém, cercados de cuidados e atenção, pois sua vida nos variados aspectos tem um sentido para os irmãos de fé e para Deus, constituindo-se na lógica do pensamento religioso, uma grande família.

Tem-se portanto, a exposição da visão da instituição como uma criação que apazigua a vida humana, trazendo esperança e uma outra que não desconstrói esta, que refere-se a busca pela Igreja de formar uma consciência coletiva, transmitida através da Bíblia, das cartilhas e dos sermões que traçam o caminho a ser percorrido em prol da permanência do indivíduo na instituição e como preparação para a vida no paraíso celestial.

A normatização das ações constitui-se o principal elemento de coesão das igrejas pois garantem a socialização dos indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem A. protestantismo e repressão. Editora Ática, São Paulo, 1979.

BATISTA, Silvânia Maria. Conflitos e comunhão na festa de Santana.(1930-1950). Monografia de Especialização. UEFS. 1997.

BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. São Paulo: Editora Ática S.A 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. Ed. perspectiva. 5ªedição. 1998.

CHARTIER, Roger. A história Cultural: entre práticas e representações. Ed. DIFEL. Lisboa, 1970.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. In: VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J. A Cultura do Povo. 3ªed. São Paulo: Cortez: Estudos especiais, 1984.

GUIMARÃES, Tarcísio Farias. Presença protestante no Brasil. IX congresso Latino Americano Sobre Religião e Etnicidade. Peru: 2002.

HAUBERT, Maxime. A vida cotidiana. Índios e jesuítas no tempo das missões. São Paulo: Companhia das Letras.1990.

HOUTART, François. As funções de integração e protesto da religião nos modos de produção pré-capitalistas. In: religião e modos de produção capitalistas. São Paulo, ed. Ática, 1994.

HOORNAERT, Eduardo. História da igreja no Brasil. Petropolis, RJ; Editora Vozes. 1992.

_____. Formação do Catolicismo Brasileiro. Petropolis, RJ: Editora Vozes. RJ.1991.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terença (org.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

LIMA, Vivaldo da Costa. As dietas Africanas no sistema alimentar brasileiro. In: Caroso, Carlos e Barcelar, Jeferson (org.). Faces da tradição Afro-brasileira, Rio de Janeiro: Pallas, Salvador, 1999.

LOWY, Michael. Marx e Engels como sociólogos da religião. In: Revista Lua Nova.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo, ed. Paulinas, 1984.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do romanizado no Brasil. Petropolis, RJ: Editora Vozes. 1980.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Religião e classes populares. Petropolis, RJ: Editora Vozes. 1980.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. A cozinha e os truques: usos e abusos das mulheres de saia e do povo de azeite. In: Faces de tradição da cultura afro-brasileira, Rio de Janeiro: Pallas, Salvador, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. o Diabo e a terra de Santa Cruz. Petropolis, RJ: Editora Schwarcz Ltda.

TEIXEIRA, Marli Geralda. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 1983.

VALLE, Edênio e QUEIROZ, José J. A cultura do povo. Ed. Cortez. 3ªedição, 1984.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. 2ªedição, São Paulo, ed. Brasiliense, 1991.

BIBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida, Brasília-DF, 1969.

REVISTA ADVENTISTA, Consultoria Doutrinária, pág. 11, n. 9, set. 2001, ano 97, Casa Publicadora.

REVISTA SINAIS DOS TEMPOS. Misticismo Moderno, pág.8-9, bimestral, ano5, n. 1, jul/ago 2001.

NOTAS BIBLIOGRAFICAS

ⁱ Graduandas do curso de Licenciatura em História.

ⁱⁱ BORDIER, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. 1998, pp. 34.

ⁱⁱⁱ BOURDIER. 1998, pp. 35

^{iv} HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. 1984, pp. 17.

^v HOBSBAWM, Eric. Invenção das tradições. Pp. 9.

^{vi} ALVES, Rubens. Protestantismo e repressão. Pp. 174.

^{vii} CHARTIER, Roger. História Cultural. Pp. 17.

^{viii} Quaresma: proibição por direito canônico de comer carne a Quarta-feira de Cinza até a véspera da Páscoa.

^{ix} CHAUI, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. 1985, Pp. 120.

^x VOLVELLE, Michel. 1991, pp. 165.

^{xi} Componente do sistema de relações sócio- econômicas, ou seja, que relaciona especificamente o produto do trabalhador como mercadoria produzindo o descompasso entre o mundo criado pela mercadoria e a crescente degradação do trabalhador. TEIXEIRA, Marli Geralda. 1983, pp. 19.

^{xii} TEIXEIRA, Marli Geralda. 1983, pp. 19.

^{xiii} BOUDIER, Pierre. Pp. 50